

Dinâmica da oralidade fica estática na oralidade

— Russel Hamilton

O professor Hamilton Russel é acima de tudo um grande amigo da literatura moçambicana. Seguiu de perto o seu desenvolvimento embrionário até a fase actual. Quando a ela se refere, fá-lo com conhecimento de causa e autoridade. Cita os acontecimentos mais distantes, ousa prognosticar sobre o seu futuro, mas recusa-se a pontificar. Fascina-o o mundo africano. Embrenha-se nele com uma coragem rara. Publicou livros e textos só-tos sobre a temática das literaturas africanas de língua portuguesa. Interessa-se, cultiva-se e vai adiante.

vivência. Vejamos:

Vieio a Moçambique para cumprir uma tarefa ligada à sua posição de Decano de uma universidade americana. Na hora de o abordar ficamos bravos! A verdade é que se nos afigurou quase impossível levar avante uma entrevista no estilo clássico. Acabamos por concordar que o melhor seria tentar viajar com ele nesse mundo fascinante da sua vivência. Vejamos:

I — CAMINHOS SINUOSOS

Uma das mais interessantes afirmações que já ouviu fê-la um seu amigo cabo-verdiano: **Você não só tem o direito de escrever sobre as nossas coisas, você tem sobretudo a obrigação de o fazer.** Isso aconteceu muito depois de ter entrado na aventura africana. Na verdade, nunca ninguém me disse que eu era um intruso, rematou.

Com efeito, o seu interesse pela literatura africana deveu-se a uma ligação antiga com Cabo Verde. Nasceu numa região em que pululavam centenas de operários cabo-verdianos. Teve ele próprio, um tio de origem cabo-verdiana com quem passava horas inteiras traçando impressões sobre uma realidade africana distante no espaço, mas sempre presente na nostalgia da sua ancestralidade. Na palestra que proferiu na AEMO, houve mesmo quem perguntasse se tinha nascido em terras africanas? Não, foi a resposta, apesar da minha origem africana, sou cidadão norte-americano.

Mas a primeira ligação efectiva com o projecto cultural africano, aconteceu no Brasil, por volta de 1960, onde permaneceu durante três anos. Segundo ele, a literatura brasileira suscita um interesse muito especial nos Estados Unidos da América por pertencer ao mesmo continente, e por todo o conteúdo cultural afro de que se reveste a colónia afro-brasileira.

Anos mais tarde renasceu nele o desejo de conhecer a literatura cabo-verdiana. Foi então a Portugal

com o intuito de escrever um livro. Durante um longo ano tentou conseguir um «visto» para visitar o então Ultramar, tendo-o recebido em 1971. Em Portugal conheceu Luis Bernardo Honwana que então cursava Direito. Recebeu deste, cartas de apresentação a seus familiares e amigos em Moçambique. Visitou também, Angola e Cabo Verde. Mas não recebeu permissão para visitar a Guiné-Bissau porque a guerra por lá complicava-se.

Quando o livro estava nas segundas provas, deu-se o golpe de 25 de Abril em Portugal. Ainda foi a tempo de alterar o prefácio para lhe dar uma visão mais actualizada. O livro saiu com o título: «Vozes do Império».

Em 1979 voltou a visitar a África (Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Cabo Verde). Em Moçambique teve a oportunidade de conhecer Quelimane, Nampula, Ilha de Moçambique, Ribáuê, Beira, Parque Nacional da Gorongosa. Conviu com muitos intelectuais moçambicanos, e teve um contacto muito agradável com a culinária tradicional.

Em Angica, foi-lhe solicitado que traduzisse para o português o seu livro. Esta nova edição foi lançada em 1982 com o título «Literatura Africana, Literatura Necessária». Esgotou completamente. Em 1984, saiu a segunda edição.

II — CONCEITO DE ORALIDADE

Segundo o professor Hamilton, a dinâmica da oralidade fica por vezes estática na escrita. Nas culturas em que o saber é transmitido oralmente, cada vez que este é transmitido o acto dramático muda. Sempre que o historiador de grupo muda de auditório, a entoação também muda. Então, quando a oralidade passa para o papel, deixa de ser oral, fica estática dentro do texto escrito.

Com efeito, o processo de criação literária é dinâmico e de aplicação conjunta na literatura oral. Tanto o contador como o audiência participam no acto de criação.

Há sempre qualquer novidade a acrescentar consoante o valor de uso que se lhe pretende atribuir, consoante a emoção instantânea de quem conta e de quem escuta.

Para o Prof. Hamilton, o que interessa para além do próprio texto é a produção do texto, a dinâmica literária. Em Moçambique há tentativas de transmitir vários aspectos da oralidade através da palavra escrita, resultando num tipo de fragmentação, como é o caso de Mia Couto e de Ungulani B. K. Khossa, reduzem um discurso escrito cuja dinâmica stimula a oralidade, não simplesmente no papel mas também no espaço, sugerindo imagens visuais e acústicas.

III — CULTURA AUTÉNTICA?

«O que é cultura autêntica?». Perguntava o Prof. Hamilton, ao enorme auditório que se concentrava na sede da AEMO para ouvir palestra. Perante um silêncio absoluto, é ele próprio quem respondeu dizendo: **Quem pensa ter uma resposta a esta pergunta está absolutamente errado.**

E várias outras perguntas se colocaram, todas elas pertinentes: **É possível ter uma literatura genuinamente africana numa língua europeia? Há literaturas genuínas? Qual é o papel da língua na literatura?**

Há quem pense que cada língua humana é particular, expressando de um modo original. Cada língua delimita os mundos de conceitos e sistemas de classificação. Estaria, então, tudo dentro de um padrão rígido, com limites inculcáveis traçados com a maior rigorosidade. Tudo ficaria estático, vedado ao intercâmbio e à evolução.

O Prof. Hamilton, porém, fala num processo de apropriação da língua e num conceito de língua transformada, como formas bem evidentes de quebrar essas barreiras. E resumiu do seguinte modo: **há um modo de falar português que pode ser africano.**

Quando Mia Couto, publicou «Vozes Anoticias», um certo sector do público leitor reagiu violentamente. É natural. O mesmo aconteceu com Luandino Vieira.

Quando é um indivíduo que não pertence a cor tentando apropriar-se dessa forma de escrita, há sempre o risco de cair nas malhas de certo pedantismo, numa realidade antropológica. Acho um pouco injusta e vaga a obrigação de fazer uma recriação fiel da fala popular. Seria pior. Ele fez bem



em recriar numa linguagem que transmite a sua própria vivência e não outra. Imitar seria fazer pouco.

IV — LITERATURA MOÇAMBICANA

Para falar da literatura moçambicana, prefiro fazê-lo comparando-a com a literatura angolana, — dizia o Prof. Hamilton — pois enquanto a fundação da União dos Escritores Angolanos foi um mês após a independência, porque a literatura era um símbolo da conquista, em Moçambique não existia a mesma base quantitativa nem o mesmo impeto estético. Houve entretanto, alguns nomes sonantes, como a Noémia de Sousa, José Craveirinha, Rui Nogueira, Fernando Ganhão, Orlando Mendes, e Luis Bernardo Honwana, cujo livro teve um grande impacto pois foi o primeiro das ex-colónias a aparecer na colecção «Autores Africanos».

O professor Hamilton cita alguns episódios interessantes sobre a literatura moçambicana. Quando Ulli Baele editou a revista «Orfeu Negro», descobriu a literatura deste país publicando poemas de Noémia de Sousa e Malangatana Valente. Curiosamente, Malangatana era mais conhecido

como poeta do que como artista plástico. Os poemas foram várias vezes reciclados porque o acesso à literatura moçambicana era difícil.

Segundo o Prof. Hamilton. Produz-se hoje em Moçambique, discursos novos para novos contextos. Um pouco inspirados pela rebeldia saudável de Craveirinha, a juventude tomou o lugar com propostas novas. Essa rebeldia dá vitalidade a nova produção literária moçambicana.

V — REMATE FINAL

Grande parte desta conversa ocorreu na sala de espera do Hotel Polana, numa manhã fresca de sexta-feira, onde tudo parecia estar acontecendo na medida de todas as pressas. Apenas nós, parecíamos desfrutar de certa lentidão nos gestos. Quatro horas de conversa não bastaram nem para abordar todos os temas que gostaríamos de abordar, nem para tomar todos os cafés que nos apetecia saborear. O nosso amigo já partiu deixando um dito que certamente vai dar muito que pensar. **«O conceito de nacionalidade está mais atarrasado que a Geografia». O leitor concorda?**